

Relatório Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde – Categoria Televisão e Vídeo

- 29 DE NOVEMBRO DE 2013
- O PRÊMIO, JURADOS, NOTÍCIAS, NOTÍCIAS 2013

Relatora: Ana María Cuesta Rodríguez

Jurados:

Adelaida Trujillo (Colômbia)

Antropóloga, diretora e produtora de cinema. Trabalhou por um ano no departamento de música e arte da BBC, como produtora associada e investigadora para séries realizadas para América Latina, dirigidas por Mike Dibb. Atualmente é a Diretora Executiva da Iniciativa da Comunicação para América Latina – Comunit- e co-fundadora de Citura.

Darío Fernando Patiño (Colômbia)

Comunicador social com mais de 32 anos de experiência jornalística em meios impressos e televisivos internacionais. Durante 10 anos foi diretor de notícias do canal Caracol TV. Também foi diretor na RCN TV e City TV. Atualmente é o Conselheiro de Notícias do canal Ecuavisa e membro do conselho editorial da revista Vistazo no Equador.

Assessora Médica:

Esther Samper (Espanha)

Licenciada em medicina, especialista universitária em Informática Médica e Máster em Biotecnologia Biomédica. Fundadora de MedTempus, um dos blogs de medicina em castelhano mais reconhecidos. Dirigiu em 2007 a seção de Saúde de Soitu.es. Na atualidade, é colaboradora de Naukas e de El País com o blog “La doctora Shora”.

Palavras Chave: Jornalismo em saúde, Ciência, Medicina, Vida, Televisão e Vídeo, Roche, Premiação.

Introdução:

O jornalismo em saúde merece uma investigação exaustiva e uma constante atualização com referentes globais, pelo carácter taxativo e científico de seus temas. Mas informar sobre saúde em um formato audiovisual merece outras considerações estéticas.

O júri elegeu na semifinal a seis peças que surpreendiam por romper esquemas, desde a sua narração visual, com a construção de cenas que, por exemplo, evocam o sofrimento de um paciente sem a necessidade de contá-lo de maneira explícita. Por inovar em histórias humanas afastadas do sensacionalismo ou de uma rigorosidade na apresentação das fontes –sem ocultar a identidade de profissionais da saúde; sem dar relevância a “especialistas empíricos”-. Por usar uma linguagem para todo público, que não pretende se igualar a linguagem das revistas científicas indexadas.

Para o júri foi uma difícil avaliação equitativa de uns trabalhos tão diversos. As três peças finalistas, que foram escolhidas após uma ponderação das qualificações assignadas por eles e a assessora médica –sob, meio, alto, sobressalente -, tiveram em comum um formato de longa duração.

No final deste julgamento, que foi realizado numa sala de reuniões da FNPI em Cartagena, triunfou “Valiente Valentina”, uma peça comovedora que não desfruta de uma temática de saúde explícita, pois evitou concentrar-se em mostrar uma doença e se ocupou na luta de uma paciente. Outros Três receberam menções honrosas.

A importância dos formatos e da técnica

Na categoria ‘Televisão e Vídeo’ foram inscritos 40 trabalhos, dos quais 27 cumpriram com as bases oficiais do Prêmio. Das 12 peças pré-selecionadas, o júri considerou que uma delas deveria sair concurso, devido a

que não cumpria com um formato propriamente audiovisual, apesar da sua alta qualidade conceitual. Por isso não era susceptível de comparações. “Era mais bem uma áudio-galeria; uma sequência de fotos impecáveis com música e narração. Será incluída em uma nova categoria de fotorreportagem que poderá ser criada no prêmio”, afirmou Adelaida Trujillo.

Darío Fernando Patiño deixou claro que foi difícil avaliar de forma equitativa entre formatos longos e curtos-inferiores a cinco minutos-, e entre formatos de televisão comercial e de televisão pública e/ou independente. A pré-seleção se compôs de nove trabalhos de tirar o fôlego que eram superiores a meia hora de duração - e três curtos. De televisão comercial internacional concursaram quatro, e igual número de trabalhos de televisão regional na Colômbia. De televisão pública brasileira concursaram dois e pela pública da Argentina um.

“Da pré-seleção não há algo no formato dos jornais ou programas curtos que seja sobressalente. O que vem das salas de redação não é muito forte nem contundente” manifestou Darío Patiño, quem sugeriu que para a próxima versão do Prêmio a categoria ‘Televisão e Vídeo’ não deva unificar estilos audiovisuais, senão discriminar por maiores formatos –ex.: seção de um jornal, documentário...-.

Trujillo insiste em que é importante estimular a difusão massiva dos temas de saúde na TV comercial, que conta com limitantes como o tempo, mas com outros privilégios como o orçamento e os recursos técnicos. Entretanto, apesar da discussão categórica, entre os finalistas do Prêmio ficou uma reportagem de longa duração para TV comercial, para Canal 2 de Televisa, que de acordo com o júri “pode ser o típico caso de Prime sensacionalista manejado com discrição e não foi”; no qual um apresentador e um repórter guiam a audiência sobre o primeiro caso exitoso de transplante de braços no México.

Trujillo insiste em que “visualmente é normal, é standard. Mas é uma boa história”. Para Esther Samper é muito valioso o fato de “que não idealiza uma cirurgia. Não tenta vendê-la para todo mundo”.

A outra peça finalista e a ganhadora foram reportagens com tintas documentais, emitidas por canais públicos.

Segundo Darío Patiño, “A via por um fio”, da TV Brasil “se compõe de boas histórias. Existem muitas fontes, pacientes. Mas há diferença do impecável no conteúdo médico, existem falhas na edição. E desde o ponto de vista técnico se excede no zoom”. Adelaida Trujillo acha que o aspecto do zoom “se deve a linguagem do documentário, que é mais repousada. Entretanto com o enfoque de notícias, por mais que assim pareça; por estar apresentado por segmentos, por condutores”.

Na reportagem ganhadora, “Valiente Valentina”, de Telemedellín, “a narração visual é muito boa. Possui uns momentos de câmera e uns recursos fotográficos diferentes. Câmera em movimento, câmera subjetiva”, comenta Patiño.

A televisão pública também se impôs com as três monções honrosas. Duas delas foram concedidas para peças com brilhantes recursos técnicos, mas que foram desqualificadas da final por alguns erros informativos.

É o caso “Combatientes” de Teleantioquia. “Os personagens são muito bem manejados, se desenvolvem em três ou quatro planos e desde o ponto de vista fotográfico é muito recursivo. Existe pelo menos uma visão fotográfica distinta e utiliza planos que te contam muitas coisas”, afirmou a jurada.

“Câncer: avanços e desafios” da TV Brasil é o que mais aclamações obteve por conta da técnica. “Resgatou sua riqueza visual, é o único com vídeo em alta definição. É excelente em matéria de câmeras, edição, os enquadres são bem alcançados”, disse Patiño. “Desde o ponto de vista narrativo, montagem, personagens, sem dúvida alguma é o melhor. Eu gosto do ponto de vista pessoal; o jornalista que se engaja com o tema de fazer passos em câmeras com jaleco de laboratório”, manifestou Trujillo.

A saúde não admite imprecisões

“Há pouca denúncia, poucas revelações científicas”, considerou Esther Samper antes de entrar para avaliar detalhadamente cada vídeo. Três trabalhos foram descartados da final, entre outras coisas, por incluir imprecisões informativas evidentes como o seguinte comentário de Samper, sobre um trabalho colombiano: “Desde o ponto de vista médico a abordagem é média. A doença é muito mais frequente do que se pretende mostrar no vídeo catalogando-a de ‘esquisita’”. “Tem erros que não podem ocorrer, como a imprecisão no tema do fator hereditário que desencadeia a fibromialgia”, afirmou Trujillo.

Entretanto, outros erros que a assessora médica objetou com contundência foram discutidos pelo júri, como o caso que já foi explicado sobre as menções especiais. Em “Combatientes”, Samper assegurou que “o tema da auto exploração mamária, possui muitos falsos positivos. Pois não se trata de um conselho atualizado e a Organização Mundial da Saúde lhe subtraiu importância”. Patiño insistiu em que tematicamente isto não era tão grave para a jornalista, senão para o país; pela desatualização em uma política pública ou uma prática que ainda se recomenda. Outro trabalho colombiano cometeu o mesmo erro.

Na reportagem brasileira “Câncer: avanços e desafios”, destacada por uma pluralidade de fontes científicas, houve uma polêmica a respeito da entrevista que a encerra. Dá muita relevância para um senhor, em um mercado público, que diz ser especialista em frutas e alimentos ‘anticâncer’. “Este último senhor faz comentários desacertados, como quando diz que o câncer aparece quando se tem um sistema imunológico fraco, pois de um modo geral aparece com um sistema imunológico saudável. Não é verdade que o câncer seja produzido pelo acúmulo de toxinas, nem que o câncer acumule toxinas por si só. Se faz uma visão muito frouxa sobre o que comenta alguém que não é profissional sanitário e que deve se contrastar”, manifesta Samper.

A quantidade de fontes certificadas também preocupou a assessoria médica. Em “Tiburones en el Paraná”, do Canal Encuentro “a saúde vai implícita mas não há um técnico em saúde ou medicina que explique a incidência da integração social nas pessoas portadoras de deficiência física”. Patiño anotou que em outro trabalho “não se identifica os médicos que falam. Este iniciou com uma entrevista por Skype, o qual considerou desacertado, e a entrevista a um ‘curador’ lhe diminui credibilidade”.

Samper destaca que é fundamental pedir autorização para os pacientes para o uso de seus diagnósticos, pois houve uma controvérsia por informação que se mostrou no primeiro plano de uma tomografia com informação detalhada “o que é considerado como informação confidencial”.

Los jurados estão de acordo no sentido de que é frequente o uso de imagens de arquivo ou fotos de pessoas caminhando para falar sobre temas delicados, “o qual é reprovável e poderia trazer consequências jurídicas caso não exista uma autorização”.

O caso “Valiente Valentina”

Após a eleição dos três finalistas, que obtiveram um empate técnico com qualificações sobressalentes do júri e da assessora médica, se determinou premiar a reportagem do jornalista Federico Uribe “Valiente Valentina”, sobre a luta de uma menina com leucemia, por uma razão maior do que a técnica:

“Valentina é uma personagem que não se vê todos os dias, é o que chamamos no jornalismo, uma oportunidade. É uma honra ter podido captar essa luta por sua vida. Essa luta não se consegue todos os dias. Este trabalho deveu deixar muda a mais de uma pessoa. Sai do óbvio que é falar de tratamentos, de avanços. É um relato de uma vítima mais do que de uma doença. O incrível é que um canal nacional não faz peças desta envergadura. O divulgaria em um horário nobre”, disse Patiño.

“Valiente Valentina está tão bem elaborado que é uma fatura impecável. Possui o valor de mostrar quando ela chega a essa etapa final. A sua morte. Eu gostei porque não foi sensacionalista, porque disse sem mostrar. Agrada-me o fato de que destaque que o hospital no qual ela foi atendida é público, e que desde lá um bom serviço possa ser oferecido. Nos meios, faz falta esse tipo de trabalho com este tipo de formato. Deve-se

romper essas formas ortodoxas desde o jornalismo, pois a narrativa oferece muitos recursos. Sei que estes tipos de trabalhos e formatos, requerem de muito tempo, mas por isso são tão valiosos”.

Esther Samper considerou no seu julgamento inicial que esta reportagem “carece de algumas entrevistas com especialistas que expliquem desde um ponto de vista médico o que está acontecendo com a Valentina, os riscos, o prognóstico”, pois a saúde está presente, mas está num terceiro plano.

Mas o júri se atreveu em evitar as formas ortodoxas, e elegeu uma história que se atreveu a contar sobre a vida, desde a vida mesma.

...